

Trouxe as palavras e colocou-as sobre a mesa.  
Trouxe-as dentro das mãos fechadas (alguns disseram  
que apenas escondia as feridas do silêncio).

Pousou-as na mesa e começou a abri-las devagar,  
tão devagar como passa o tempo quando o tempo  
não passa. E depois distribuiu-as pelos outros,  
multiplicou-se em dedos, em palavras (alguém disse  
que chegariam a todos, ultrapassariam os séculos e  
teriam a duração do tempo quando o tempo perdura).

Ceou com todos pão que não levedara e vinho áspero  
das videiras magras do monte que os ventos dizimavam.  
Quando se ergueu, havia ainda palavras sobre a mesa,  
coisas por dizer no resto do pão que alguém deixara,  
feridas profundas nas mãos que fechou em silêncio e devagar.

Perto dali uma figueira florescia. À espera.

Maria do Rosário Pedreira  
*Poesia Reunida*. Lisboa 2012.

# Última Ceia

# o Papa admite mulheres no lava-pés de Quinta-feira Maior

Foi uma das primeiras inovações de Francisco. Uma mudança na prática que agora se consagrou nos documentos da Igreja universal. O Papa ordenou que se modificassem as indicações litúrgicas sobre o ritual do lava-pés na missa de Quinta-feira Maior. A partir de agora, os escolhidos para receber o lava-pés não serão somente homens ou meninos, em memória dos 12 apóstolos. Poderão ser homens e mulheres, jovens e idosos, saudáveis e doentes, clérigos ou não.



Papa Francisco beija o pé de uma mulher durante celebração da Instituição da Eucaristia na prisão Rebibbia em Roma, durante a Semana Santa em 2015 (L'Osservatore Romano/AP)

**A Reforma** foi introduzida por uma carta do Papa dirigida ao cardeal Robert Sarah, prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos do Vaticano. Nela, Bergoglio reconheceu que já há algum tempo refletia sobre o ritual correspondente à missa "*in coena domini*" (Missa da Ceia do Senhor), ou seja, a última ceia.

Acrescentou que o seu objetivo é "melhorar as modalidades de realização para que expressem plenamente o significado do gesto cumprido por Jesus no cenáculo, o seu doar-se até ao fim pela salvação do mundo e a sua caridade sem fronteiras". E afirmou que, depois de uma "atenta ponderação", determinou a mudança da rubrica do *Missal Romano*.

"Preciso, portanto, que seja modificada a rubrica segundo a qual as pessoas escolhidas para receber o lava-pés devam ser homens ou meninos, de modo tal que, de agora em diante, os pastores da Igreja possam escolher participantes no ritual entre todos os membros do povo de Deus. Recomenda-se ainda que aos

escolhidos seja oferecida uma adequada explicação do significado do próprio ritual", agregou na carta.

Ter-se-á passado mais de um ano para que a congregação vaticana responsável tenha emitido um decreto que ponha em prática a decisão do Papa. O texto, assinado pelo cardeal Sarah, tem a data de 6 de janeiro de 2016, enquanto a carta de Francisco está datada de 20 de dezembro de 2014.

Sobre este atraso e ante a pergunta sobre se este se ficou a dever a resistências de algum tipo, o porta-voz do Vaticano Federico Lombardi explicou que as questões litúrgicas "sempre tardam", porque é necessário tempo para traduções de textos e rubricas.

"Foi publicado agora em vista da *Semana Santa*, a publicação atrasou um pouco, porque se trabalha continuamente em missais, que são traduzidos, reformulados, etc. As conferências episcopais serão informadas hoje desta mudança, de modo que se tornará de uso comum", disse.

Além disso, recordou que o Papa, já desde o seu tempo em Buenos Aires e também em Roma, optou por lavar os pés também a mulheres e meninas. Precisou que tradicionalmente os homens escolhidos representassem aos 12 apóstolos na última ceia e, por isso, o ritual foi principalmente uma imitação do gesto realizado por Jesus antes de ser preso.

"Mas o significado do lava-pés é a manifestação do amor de Jesus por todos até ao fim, e ainda, além do que demonstrou aos 12 apóstolos, teve um valor universal. O Papa disse que na liturgia temos esse gesto de amor de Cristo por todos, na prevalência da imitação do gesto ou na recordação histórica. A partir de agora, não deverão ser necessariamente homens ou jovens, mas também podem ser eleitos entre todos os membros do povo de Deus. E não é necessário, tampouco, que sejam 12, pode ser um grupo, embora isso já fosse previsto. O que importa é o gesto e a expressão do amor de Deus para com todos", insistiu.

Explicou que esse ato não tem um valor sacramental e, por isso, já era possível interpretar a sua forma de realização dependendo das circunstâncias pastorais. Disse que, no entanto, para o Papa trata-se de um momento "muito significativo" porque cada ano ele o realiza "com uma intensidade muito evidente".

"Recomenda-se que aos eleitos seja oferecida uma explicação completa do próprio ritual, não se trata de fazer uma representação, mas de cumprir um ato que tem um significado espiritual, por isso é importante que se compreenda o significado", ponderou.

Na sua primeira Quinta-Feira Maior, poucos dias depois de ter sido eleito Papa, Francisco surpreendeu todos ao realizar a missa "*in coena domini*" (Missa da Ceia do Senhor) não na Basílica de São João de Latrão de Roma, como de costume, mas na capela da prisão de menores Casal del Marmo. Nessa ocasião, ele lavou os pés de algumas meninas, uma delas de religião muçulmana. O gesto arrecadou-lhe severas críticas de grupos tradicionalistas.

Isso não fez o pontífice mudar de opinião, tanto que, em 2014, realizou o lava-pés numa casa de acolhimento da Fundação Don Gnocchi, nos arredores de Roma. Os 12 escolhidos tinham entre 16 e 86 anos, e entre eles estavam quatro mulheres e um muçulmano. Em 2015, fez o mesmo com um grupo de presos e presas, na prisão romana de Rebbibia.

A reportagem é de **ANDRÉS BELTRAMO ÁLVAREZ**, foi publicada por **Vatican Insider** em 21-01-2016.

A assembleia eucarística é o lugar da misericórdia: ela deveria, por conseguinte, ser “um lugar onde todos se sentissem em casa”: migrantes, fiéis em situação matrimonial irregular, pessoas com deficiência, doentes, pobres, anciãos, crianças. É esta, em síntese, a exortação contida numa longa intervenção que o bispo NÚNCIO GALANTINO, secretário-geral da Conferência episcopal italiana (CEI), pronunciou em Orvieto, por ocasião da 65ª Semana Litúrgica Nacional, organizada pelo CAL (Centro de Ação Litúrgica).

## a missa, lugar de acolhimento e misericórdia

**O** prelado evidenciou, antes de mais, a necessidade de adotar a conduta sugerida pelo Papa Francisco, de uma Igreja “em saída”, que “toma a iniciativa” de ser “acolhedora” e “encurtar as distâncias”. O que não se opõe à imagem da Igreja reunida em assembleia litúrgica: “De acordo com certa perspectiva de Igreja – disse o bispo Galantino – uma parte dos observadores externos e, talvez até, alguns cristãos, dão mais importância às ações dirigidas aos pobres, como por exemplo, uma distribuição da *C Caritas*, do que à imagem de uma assembleia reunida para a celebração litúrgica.

Este juízo, embora, talvez, justificado, é, na verdade, um juízo superficial; não capta, de fato, a realidade autêntica e profunda da comunidade eclesial, que vive, por sua natureza, deste duplo movimento: o acolhimento do dom de Deus e sua transmissão vital”. A constituição dogmática *Lumen gentium*, acrescenta o prelado, “delineando os traços da Igreja missionária, mostra que, quando celebra os sacramentos, a Igreja desenvolve a sua própria missão: no sentido em que a liturgia é ato missionário, embora não no modo da Igreja “em saída”.

Mas, a “cultura da misericórdia”, disse o bispo, “deve ser cultivada na Igreja, de modo evidente, em cada um dos seus gestos. Não só na ação social e caritativa, com a atenção voltada para os últimos na escala social, mas também na celebração litúrgica, em particular na Eucaristia. A assembleia litúrgica é epifania [manifestação divina] da Igreja misericordiosa e encarnação da misericórdia do Pai”. Nesta ótica, e passando ao âmbito litúrgico, D. Galantino recomendou que não se organizassem celebrações litúrgicas “setoriais”, ou seja, pensadas “somente para algum grupo ou categoria”, mas como momento de “convocação e reunião de toda a comunidade”. Nas “missas das crianças”, por exemplo, “não se trata de celebrar ‘de modo infantil’, nem de desvirtuar os ritos litúrgicos, com a ilusão de os tornar mais compreensíveis ou interessantes, mas de dar particular atenção a alguns aspetos”, como “cantos adaptados, valorização das posições do corpo, oportunas e breves admoestações”. Os grupos presentes nas comunidades são, também, convidados “a não querer isolar-se no próprio caminho”.

A assembleia eucarística, recordou o bispo Galantino, presta uma atenção particular “à misericórdia em relação aos pobres”: “vão longe os tempos em que, nas igrejas, era bem evidente a diferença entre ricos e pobres” – observou D. Galantino – “por exemplo, no que respeita aos lugares reservados para as pessoas mais idosas ou, também, às cadeiras e bancos de sua propriedade. Isto, graças a Deus, já não acontece hoje em dia. Mas, bastará isto para

dizemos que os pobres, nas nossas assembleias, são bem acolhidos? Nós bem sabemos que os pobres são incômodos”.

O secretário geral da CEI colocou, depois, uma série de questões provocadoras, às quais os cristãos são convidados a dar resposta: “Estamos seguros – questiona-se o prelado – de que é por se sentirem acolhidos que os pobres participam, voluntariamente, na missa dominical?”

Estamos seguros de que, nas nossas assembleias, não se estabelecem diferenças entre ricos e pobres? De que forma nos questiona a presença de pessoas que pedem esmola à porta da igreja? Talvez se trate de cristãos, ou até de católicos, que entram na Igreja para rezar ou para participar na missa: que acolhimento lhes é reservado? “Da mesma forma”, prosseguiu o bispo, “as celebrações devem ter especiais cuidados com “os enfermos, as vítimas do sofrimento, as pessoas com deficiência,” eliminando, por exemplo, as barreiras arquitetônicas, e reservando lugares que “se adaptem às condições físicas e psicológicas dos doentes, em particular, às suas dificuldades motoras e auditivas”.

A mesma conduta deverá ser seguida com os migrantes: “As comunidades locais têm o dever do acolhimento, devem conceder-lhes hospitalidade, evitando fazer que se sintam hóspedes, porque, na Igreja, cada cristão está na sua própria casa”. No caso de cada fiel, e de famílias ou grupos “deve prever-se um acolhimento e um conhecimento por parte do presbítero ou de outras pessoas”. Para as comunidades maiores “não se trata, apenas, de oferecer hospitalidade num edifício de culto – sugeriu o bispo Galantino – mas é oportuno estabelecer, também, contatos entre as comunidades e, pelo menos, alguma vez ao ano, promover e realizar celebrações comuns”.

Finalmente, o secretário-geral da CEI recordou a situação dos fiéis em situação matrimonial irregular, que “vivem esta sua condição com grande sofrimento” e “encaram a disciplina da Igreja como demasiado severa, não compreensiva, se não mesmo, verdadeiramente punitiva”. Disse o bispo: “Devemos, porém, sinceramente reconhecer que, também, os outros fiéis consideram esta disciplina da Igreja como uma exclusão destes seus irmãos e irmãs, e, talvez, os observem com um olhar carregado de preconceito”, impondo-lhes “uma ulterior fiança a pagar, uma discriminação, de fato, dessas pessoas”. Impõe-se, portanto, “acolhimento, compreensão, acompanhamento, suporte,” e “percursos de vida eclesial”, embora estes fiéis “não possam receber a comunhão eucarística”.

“É toda a comunidade cristã”, concluiu D. Galantino, “que deve empenhar-se nestas diligências pastorais, que devem tornar-se visíveis, também, no âmbito da assembleia litúrgica. Se alguns fiéis se sentem excluídos da vida da comunidade e, por esse motivo, não participam da assembleia dominical, são, com certeza, eles os primeiros a sofrer com isso; ora, essa situação deveria ser motivo de sofrimento para toda a comunidade, por causa da ausência de alguns dos seus membros que os irmãos não souberam, evidentemente, acolher com misericórdia.”

“A assembleia eucarística, que celebra a misericórdia do Pai, sabe acolher todos os seus filhos, sobretudo aqueles que se encontram em situações de sofrimento”.

A reportagem foi publicada pelo jornal *L'OSSERVATORE ROMANO*, 28-08-2014.

# uma missa não é uma ceia

“O que nos salvará é a honradez, a honestidade, a transparência, a justiça, a bondade. A espiritualidade profunda, que, é claro, respeita a missa, mas que encontra vida e futuro na ceia. Como disse São João da Cruz: ‘a ceia que recria e apaixonava’”, escreve o teólogo espanhol JOSÉ MARÍA CASTILLO, no seu blog *Teología sin Censura*, 05-08-2015.



Eis o artigo.

Jesus instituiu a eucaristia numa ceia, não numa missa. Quer dizer, **Jesus instituiu a eucaristia numa refeição partilhada e não num ritual religioso**. E sabemos que Jesus acrescentou: “Fazei isto em memória de mim” (1 Cor 11, 24. 25; Lc 22, 19 b). A memória de Jesus está inseparavelmente unida ao fato de realizar o que realizou Jesus. E qualquer um que leia os evangelhos sabe que, exatamente nos evangelhos e em 1 Cor 11, 23-26, a eucaristia está associada à refeição partilhada. Nos seis relatos da multiplicação dos pães, especialmente no do evangelho de João (6), e na última ceia de Jesus com seus apóstolos, eucaristia e companhia são realidades inter-relacionadas. Ou seja, a eucaristia está vinculada ao fato de partilhar com outras pessoas o que se tem para comer. A eucaristia não está vinculada – nem somente, nem principalmente – a um ritual sagrado que se observa exatamente de acordo com o estabelecido nas normas.

No entanto, acontece que, **com o passar do tempo, a eucaristia se tornou um ritual sagrado e deixou de ser uma ceia partilhada.** Não é possível saber exatamente quando isto aconteceu. Parece que ocorreu no século III. O fato é que assim, mais uma vez e no assunto de tanta importância como este, **a Religião se sobrepôs ao Evangelho. Uma desventurada mudança, que ocorreu muitas vezes na Igreja,** e que é a causa de um fenômeno muito frequente e que muitas vezes nem percebemos. Porque certamente somos mais fiéis à Religião do que ao Evangelho.

E, como estamos a ver, a religiosidade está em crise. O que é verdade. Temos desprezado a Religião. Contudo, temos desprezado ainda mais o Evangelho. Afinal de contas, missas, casamentos, batizados, comunhões, confrarias, padres e bispos, nós continuamos a ter. Mas, e os ensinamentos de Jesus sobre a honradez, a justiça, a sinceridade, sobre o dinheiro e a riqueza, sobre a sensibilidade diante do sofrimento humano, sobre a liberdade diante dos poderes que oprimem e dominam as pessoas mais fracas e desamparadas?

Se aqui falo sobre estas coisas, não é porque eu pretenda que substituamos as missas por ceias. Isto nem é possível. Também não resolveria as coisas. O problema mais sério, que nesse exato momento temos, é que vemos que a economia melhora, mas não temos políticos que saibam administrar as coisas de forma que essa melhora sirva para todos, especialmente para aqueles que mais precisam. E as coisas deterioram-se até o extremo de se preferir – ou dar consentimento – que nossos mares sejam **um imenso cemitério de desesperados,** desde que esses desesperados não venham incomodar-nos. Aqui, não falo apenas da Espanha ou da Europa. Falo do mundo todo.

É claro que há pessoas boas. Muito mais do que imaginamos. Diante do fracasso da economia, da política, das mais avançadas tecnologias, inclusive também diante da incapacidade das religiões para remediar tanta dor, cresce e cresce o número de pessoas que para isto não veem outra solução a não ser a procura da nossa mais profunda humanidade. O que nos salvará é a honradez, a honestidade, a transparência, a justiça, a bondade. A espiritualidade profunda, que, é claro, respeita a missa, **mas que encontra vida e futuro na ceia. Como disse São João da Cruz: “a ceia que recria e apaixona”.**

# Nikolas Harnoncourt (1929-2016)



**P**ARTIU DE JUNTO DE NÓS UM DOS GIGANTES DA MÚSICA, UM DOS ÚLTIMOS excepcionais pioneiros da descoberta e renovação das músicas históricas. É uma triste notícia, mas o grande mestre **NIKOLAS HARNONCOURT** permanecerá bem vivo no nosso coração e na nossa memória, como exemplo incomparável de uma vida dedicada, com paixão e exigência, à interpretação e descoberta de obras, de compositores e de repertórios injustamente esquecidos; desde as músicas elisabetianas às grandes obras-primas de todos os tempos. O seu carisma e o seu humanismo permanecerão vivos, através de suas gravações e das suas ideias, que agora, mais do que nunca, nos continuarão a emocionar e a ser, para nós, uma fonte de inspiração, para prosseguirmos no caminho da renovação do pensamento e educação musical, para o qual ele tanto trabalhou e lutou.

«Estou, profundamente, convencido de que, o vivermos com a nossa cultura, é duma importância decisiva para a sobrevivência da espiritualidade europeia. No que respeita à música, isso pressupõe que ela deva ser ensinada como uma verdadeira língua, e não apenas, como uma técnica, e que a formação musical seja repensada por toda a comunidade europeia, de forma a ocupar o lugar que lhe compete. Assim, no meio de toda esta diversidade que nos perturba e transforma, passaremos a encarar, sob uma nova perspectiva, as grandes obras do passado. E de novo nos sentiremos prontos a receber o que é novo. Todos temos necessidade da música; não podemos viver sem ela».

Jordi Savall. In *Homenagem* (9 março 2016).